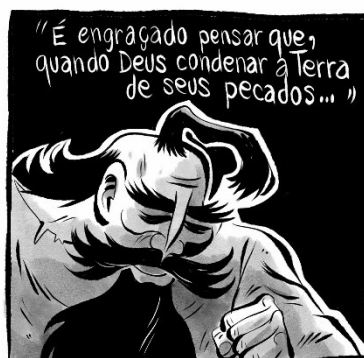


CARTAS DE PAULO À IGREJA DE NEÓFITO

“Caros irmãos de
Neófito, graça e paz.”



@fjpscarino

Introdução

No Brasil a influência do cristianismo está presente numa diversidade de comunidades, ongs e produtos: canais de TV, rádio, cinema, novelas, músicas, turismo, literatura, na política por meio da bancada evangélica e em inúmeras igrejas. Em toda essa diversidade há uma forma de apoderamento do que é ou como deve ser um cristão.

Esse quadro nos convida a refletir sobre o fenômeno da apropriação que se dá em torno da mensagem de Jesus. Como os sentidos são construídos e as ênfases elaboradas são as mais diversas, nos propomos a refletir sobre a questão em forma de três perguntas: Qual a origem histórica do “Ser cristão”? Quais as principais apropriações do termo na História? Quais as apropriações feitas pela Igreja Presbiteriana Unida e seus desafios atuais?

Qual a origem do ‘ser cristão’?

Há uma gama de designações dadas aos discípulos de Jesus na literatura neotestamentária: Família de Deus, filhos de Deus, discípulos, santos, etc. Contudo, a que se firmou após anos foi a palavra “cristão”, mesmo citada apenas três vezes nas Escrituras, como em Atos dos Apóstolos, em que Paulo e Barnabé em sua estada em Antioquia da Síria são chamados de cristãos. (*Foi em Antioquia que, pela primeira vez, os*

seguidores de Jesus foram chamados de cristãos”. Atos 11:26b NTLH¹). Pequenos cristos talvez fosse um apelido, em função do agir deles como pregadores do Evangelho de Cristo. O outro texto de Atos é o da defesa de Paulo perante o rei Agripa e sua esposa Berenice.

Agripa respondeu: — Você pensa que assim, em tão pouco tempo, vai me tornar cristão? Paulo disse: — Pois eu pediria a Deus que, em pouco ou muito tempo, não somente o senhor, mas todos os que estão me ouvindo hoje chegassem a ser como eu, mas sem estas correntes. Atos 26:28-29 NTLH²

E o terceiro texto está na Primeira carta de Pedro: “*Mas, se alguém sofrer por ser cristão, não fique envergonhado, mas agradeça a Deus o fato de ser chamado por esse nome*” 1 Pe 4. 16 NTLH³. Nos três textos o conteúdo do ser cristão vincula-se a fé, ao seguimento e perseverança nas tribulações. Nada ainda ligado às estruturas cristãs sedimentadas em Igrejas ou denominações. Porém, vamos analisar como após esse período o termo foi assumindo novos significados.

Quais as principais apropriações do ‘ser cristão’ na história?

No desenrolar da História da igreja podemos identificar pelo menos quatro modelos: O primeiro, “*Ser cristão na Igreja-doméstica*”, proveniente do contexto das primeiras comunidades formadas por meio da pregação dos apóstolos. Ser cristão era ouvir o chamado de Jesus, acolher o batismo, a catequese e servi-lo a partir da igreja/casa.

O segundo modelo, “*Ser cristão na Cristandade*”, quando no 4º século Teodósio torna o cristianismo religião oficial do Império, juntando aos poucos Igreja e Estado, trono e altar, poder espiritual e temporal, em que ser cristão era receber a tradição cristã com seus valores e estruturas que vinham inscritos no DNA da cultura cristã.

O terceiro modelo, “*Ser cristão na Igreja livre*”, nasce do período da Reforma, onde ser cristão passa a ser decisão do indivíduo, passo significativo que vai expandir-se na modernidade, porém ainda numa cultura marcadamente cristã como panorama cultural, moral e social.

O quarto modelo, “*Ser cristão no período pós-moderno*”, ocorre no contexto do pluralismo religioso que emerge no final do século XX. A

¹ Bíblia Nova Tradução na linguagem de hoje.

² IBIDEM

³ Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

religião é escolha pessoal, desligada da tradição e da família, não determinada pela hegemonia cristã, mas decisão de foro íntimo, não por necessidade, mas por liberdade.

Que apropriações a Igreja Presbiteriana Unida fez e seus desafios atuais?

Todos os modelos vistos são expressões do ser cristão relacionados com a igreja da época, sua cultura e seu período histórico, e são marcas que atravessaram o ser cristão. Não é possível seguir Jesus sem nos definirmos por meio de nossa herança teológica, litúrgica, bíblica e cultural, pois nossa identidade é construída em recepções e reinterpretções à luz da demanda de nossa sociedade.

Não dá apenas para olhar para trás e achar que podemos trazer do passado para o presente as respostas do ser cristão como algo pronto e tudo está resolvido. Isso é o que denominamos de tradicionalismo. O perigo nesta postura é esquecer que toda relação com o passado é mediada pelas questões do presente, com suas emergências e solicitações. Também não podemos acolher tudo que se desenrola na História e cultura atual sem critérios e transformar o Ser cristão numa expressão sem elos com a fé que uma vez foi dada aos Santos. Recebemos essa dinâmica testemunhal viva, mas ela nos pede o esforço de encontrar formas de comunicar, conviver e discernir os tempos condizentes com o seguimento de Jesus.

Com essas observações e com a clareza que somos frutos da tradição protestante e reformada, elencamos cinco características do ser cristão presbiteriano: Primeira - As Escrituras Sagradas como padrão de doutrina e ética, não regra de fé e prática e, por isso, não somos fundamentalistas. As Escrituras revelam Jesus, nossa leitura bíblica é feita a partir de Cristo.

Segunda - A defesa da *primazia da vida cristã* sobre os credos, dogmas e doutrinas, ou seja, defendemos que o amor e a justiça são basilares antes de tudo e, nesse sentido, ser cristão não coaduna com homofobia, misoginia, racismo de qualquer natureza; Terceira - *Participar da igreja como comunidade de fé* e, desse modo, a resposta ao chamado de Jesus nos conduz para a igreja, onde crescemos no conhecimento de Deus pela escuta da Palavra, além de recebermos os sacramentos; Quarta - *Ser cristão para IPU é ser ecumênico e promover o diálogo entre as religiões*. A missão da Igreja é o anúncio do Evangelho sem desloca-lo do sentido da unidade do povo de Deus. Desde o início,

nossa tradição esteve na vanguarda do dialogo ecumênico e inter-religioso, sem esquecer que nossa evangelização não se contrapõe ao diálogo, pois não há imposição, mas anúncio da ação redentora de Jesus Cristo.

Quinta característica - *A Defesa da vida e da criação*. Perceber que o Evangelho amplia as responsabilidades pela defesa da dignidade humana, pela proteção da criação, e pela luta contra toda injustiça; Tudo isso conjugado numa missão que anuncia a Redenção plena do ser humano em Cristo, a redenção da criação e a esperança escatológica da vinda de Cristo.

Desafios

Nossa história e traços denominacionais participam de algo maior que são constituintes de nossa cultura pós-moderna e que nos desafiam a pensar criticamente, e seus traços são: mentalidade de mercado; trânsito religioso, privatização do sagrado, consumo religioso.

A igreja precisa compreender esse panorama para não ser reduzida a apenas um produto no mercado de bens simbólicos. Identificar que há uma busca das pessoas para suprir suas necessidades. Como diz o grupo musical Titãs, “a gente não quer só comida a gente quer comida, diversão e arte”, ou seja, a fé pede um ser humano que seja encarado em sua integralidade. Ser cristão é ser uma pessoa inteira diante de Cristo e sentir-se amado em suas diversas dimensões.

Segundo o Reverendo Joazinho Thomaz de Almeida, a experiência do ser cristão é composta de *chamado, decisão, aprofundamento e resolução*. Equivaleria a dizer que vai da resposta ao chamado de Deus aos processos de aprofundamento, compreensão e amadurecimento da fé. Como propiciar um espaço facilitador de acolhimento e abertura para uma experiência de tornar-se um cristão? Sendo um espaço, as pessoas querem ser ouvidas, valorizadas, respeitadas, sem constrangimento de qualquer natureza, o que deve nos levar a não cairmos na tentação de ser uma igreja de iguais, sem gente diferente, mas apenas um tipo genérico de igreja de classe média ou um núcleo fechado em si.

Temos que dar passos para um ser cristão que valorize o passado, mas não ponha a tradição como algemas e sim como referenciais de identidade. Isso muitos presbiterianos fazem atualmente. Numa cruzada contra as igrejas pentecostais e outras, como forma de demarcar seu lugar no mercado religioso, tudo reduzido a uma apologética que

menos denuncia os poderes que geram morte e mais exalta seus teólogos e flerta com o messianismo político. Urge adquirir a habilidade para trabalhar as tensões ecumênicas e diferentes posicionamentos religiosos, sociais e políticos em nosso ser cristão.

Logo, é necessário comunicar a fé sem gerar constrangimentos e desvalorizar ninguém, privilegiando atitudes sábias de escuta e atenção à sociedade com seus dramas, para podermos responder às demandas em nosso contexto urbano em consonância com nossa História Reformada e nossa leitura crítica e dialogal com nosso tempo. As pessoas querem menos estruturas e mais comunidades acolhedoras.

Aqui podemos reorientar o ser cristão presbiteriano unido a partir de mais leveza, do cultivo de formas menos rígidas de organizar a fé, ensiná-la, num formato que ajude as pessoas nas suas crises e decepções. Não basta termos um lugar de culto, mas um espaço relacional que propicie um discipulado integral, terapêutico, e nisso temos uma riqueza como comunidades menores que podem acompanhar as pessoas individualmente, dando-lhes um ambiente favorável a uma espiritualidade comunitária, profunda e cheia de compaixão.